

# HISTÓRIA DOS GRUPOS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS E A IMPORTÂNCIA DESSAS UNIDADES NA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS

HISTORY OF THE SPECIAL OPERATION GROUPS AND THE IMPORTANCE OF THESE UNITS IN THE MILITARY POLICE OF GOIÁS

LIMA, Klauss Tarik Linhares de  
OLIVEIRA, Ionilde de

## RESUMO

As forças de operações especiais surgiram frente a uma necessidade de se combater os crimes e atingir os objetivos de uma maneira mais rápida, inteligente e eficaz. Neste trabalho, discutiremos sobre a origem dessas equipes, sobre os motivos de sua criação e sobre a necessidade de sua utilização nas corporações policiais, com foco no Batalhão de Operações Especiais, o BOPE, da Polícia Militar de Goiás. Passaremos por etapas progressivas de argumentação para se justificar a importância dessa equipe no trabalho policial militar, com explicações relativas às suas peculiaridades, como elevados critérios de seleção dos seus membros, alta capacidade e exigência física e psicológica deles, treinamentos diferenciados e complexos não desenvolvidos pelos batalhões convencionais da Polícia Militar e maiores riscos apresentados em suas missões, as quais possuem maior periculosidade que as corriqueiras. Essas tropas especiais possuem grande fidelidade e união entre seus componentes, um “espírito de corpo” acentuado que contribui para que suas missões sejam concluídas com êxito e que diminui os perigos sofridos por aquelas. Nos tempos modernos, em que a audácia e as capacidades tática, técnica e bélica dos criminosos aumentou, surgiu a importância de equipes policiais militares diferenciadas e de pronto-emprego serem criadas e mantidas pelo Poder Público, com recebimento de maiores investimentos em equipamentos, tecnologias e treinamentos. A existência dessas tropas diminui exponencialmente os riscos sofridos pelas equipes policiais tradicionais e pela população como um todo. Neste artigo, pode-se concluir que o Estado de Goiás tomou a decisão correta em criar o BOPE.

**Palavras-chave:** Polícia Militar; Batalhão de Operações Especiais; Origem; Crime; Necessidade.

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Formação de Praças do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás-CAPM.

<sup>2</sup> Professor Orientador: Graduado em Licenciatura em História (UEG), Pós Graduado em Formação Socioeconômico do Brasil (Salgado Oliveira), [ionilde\\_oliveira@yahoo.com.br](mailto:ionilde_oliveira@yahoo.com.br).

## **ABSTRACT**

Special operations forces came up against a need to fight crime and achieve goals in a faster, smarter and more effective way. In this work, we will discuss the origins of these teams, the reasons for their creation and the need to use them in police corporations, focusing on the *Batalhão de Operações Especiais*, BOPE, of the Military Police of Goiás. We are going to pass through progressive phases of reasoning to justify the importance of this team in the military police work, with explanations regarding their peculiarities, such as high criteria of selection of their members, high capacity and physical and psychological demands of them, differentiated and complex training not developed by the conventional battalions of the Military Police and greater risks presented in their missions, which are more dangerous than the ordinary ones. These special troops possess great fidelity and union between their components, a marked "spirit of body" that contributes for their missions to be completed successfully and that diminishes the dangers suffered by them. In modern times, when the audacity and the tactical, technical and warlike capacities of criminals increased, the importance of differentiated military and ready-to-use police teams was created and maintained by the Public Power, receiving greater investments in equipment, technologies and trainings. The existence of these troops exponentially reduces the risks suffered by traditional police forces and the population as a whole. In this article, it can be concluded that the State of Goiás made the right decision in creating the BOPE.

**Key-words:** Military Police; Batalhão de Operações Especiais; Origins; Crime; Need.

## **1 INTRODUÇÃO**

Os conflitos armados e fatos que envolvem terrorismo, resgate e risco de morte são situações complexas que exigem tática, estratégia, técnica e inteligência. No entanto, há casos especiais com as quais é mais difícil de se lidar do que com eventos comuns e que possuem algumas particularidades, as quais vão além das ameaças convencionais. Em realidades como essas, há a necessidade de serem utilizados métodos especializados de combate e de solução de emergências, os quais só devem ser

executados por indivíduos física e intelectualmente capacitados e altamente treinados para tal. Estes são os que compõe as forças de Operações Especiais.

Para adentrar as fileiras desses seletos grupos, o profissional deve passar por diversas etapas e processos seletivos, exigindo-se dele elevados esforços físicos e psicológicos, muitas vezes pondo sua saúde em risco. Porém, isso não é descabido. As situações reais que essas pessoas enfrentam põem em alto risco a sua segurança e a de cidadãos aos seus redores, sendo importante que eles tenham a aptidão exigida para lidar com esses casos, em que uma pessoa sem o devido preparo poderia se desesperar, cometer com maior facilidade um erro ou comprometer toda a operação.

Em conflitos perigosos, muitas vezes envolvendo armas, qualquer vantagem pode significar a vitória, e os grupos de Operações Especiais treinam e estudam arduamente para obter vantagens frente aos inimigos. Dentre estes, eles causam pressão psicológica e medo, gerando inclusive lendas. Cumrem a missão normalmente de forma exitosa, eficiente, eficaz e estratégica, de modo a obterem a vitória para o seu Estado e seu Comandante. Devido ao seu desenvolvimento diferenciado, destacam-se perante o cidadão comum, possuindo aptidão suficiente para transporem obstáculos e desafios que muitos teriam temor e falta de preparo para enfrentar. Dessa maneira, são essenciais no emprego das Polícias Militares no Brasil. A importância dos Batalhões de Operações Especiais na solução de problema e no combate contra oponentes do Estado e da segurança e ordem públicas é tão grande que, de acordo com o maior publicador de artigos sobre História do Reino Unido, o *The History Press*, durante a Segunda Guerra Mundial, Hitler teve grandes prejuízos humanos e econômicos após a utilização dos Comandos ingleses em operações contra suas tropas. Dessa maneira, ele percebeu a elevada importância e necessidade da criação dessas unidades em seu Exército, exigindo o quanto antes a criação de sua própria força de Operações Especiais, a Ordem Comando, ou *Kommandobefehl*.

Assim, vamos nos aprofundar, ao longo deste trabalho, na análise da história e da importância desses efetivos especializados e diferenciados, tendo como foco principalmente o seu emprego e seu valor dentro da Polícia Militar do Estado de Goiás.

Para a realização deste artigo científico, apesar da dificuldade em se localizar material sobre este tema, foram feitas pesquisas e estudos em artigos em diversos sítios de renome, dentre eles o sistema Capes, o *Cielo*, o sítio oficial do Exército Norte

Americano e na imprensa governamental de notícias sobre o Estado goiano. Além dessas referências, foi realizada uma visita à sede do BOPE – Batalhão de Operações Especiais de Goiás, onde foram adquiridos vídeos de grande valor para a elaboração deste trabalho.

Não obstante, foram realizadas leituras de importantes livros sobre guerras, estratégias militares e tropas especializadas de antigamente, as quais formaram o alicerce para as unidades especializadas nas polícias ao redor do mundo. Obviamente, foi feita uma atualização e adaptação na implantação desses efetivos em situações atuais, o que foi verificado no material estudado. Para especializar ainda mais este estudo, foi feita uma análise do material fornecido pela própria Polícia Militar de Goiás, o qual detalha as funções e a história de cada unidade especializada pertencente ao seu quadro.

Para concluir o embasamento deste trabalho, foi utilizada experiência própria no Curso de Formação de Praças - CFP, no Comando da Academia da Polícia Militar - CAPM, do Estado de Goiás.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

A origem dos grupos de operações especiais é controversa, envolta em diversos mistérios, até pelo caráter de certa forma sigiloso desses cidadãos e de suas missões. Na China antiga, já havia unidades de elite que poderiam ser escolhidas dentro do exército do imperador. Isso fica claro no livro *Os Seis Ensinos Secretos de Tai Kung* (tradução minha), componente do livro *Os Sete Clássicos Militares da China Antiga* (tradução minha), em que o autor afirma que o império pode “identificar e selecionar homens altamente motivados, indivíduos fisicamente talentosos para unidades de infantaria de elite e para a cavalaria e as carruagens” (SAWYER, 1993, p. 39, tradução minha). Mais à frente, ele explana que quando o Rei Wu perguntou a Tai Kung qual era o método para selecionar guerreiros, este respondeu:

Dentro do Exército, haverá homens com grande coragem e força, os quais estão dispostos a morrerem e até mesmo sentem prazer em sofrerem feridas...aqueles que são extraordinários em aparência, que

carregam longas espadas e que avançam de um jeito calculado e ordenadamente, devem ser inseridos em uma Companhia e ser chamados de ‘Corajosos, Guerreiros de Elite’. (SAWYER, 1993, p.97, tradução minha).

Porém, com o passar do tempo, foram surgindo situações não-convencionais de combate e modificações nas sociedades, decorrentes das guerras e conflitos em geral, dando origem às unidades especiais modernas. A origem dessas é mais bem definida e remonta à Segunda Grande Guerra. No sítio eletrônico do Museu Nacional do Exército Norte-Americano, o *National Museum of the United States Army*, afirma-se que “os conceitos modernos de guerra não-convencional foram amplamente desenvolvidos na Segunda Guerra Mundial com a formação de diversas unidades especialmente treinadas.”. Uma dessas unidades, uma das primeiras nos moldes modernos e aplicados na atualidade dentro dos Exércitos e Polícias ao redor do mundo, foi a Primeira Força de Serviço Especial, também conhecida como a “Brigada do Demônio” (*Devil’s Brigade*), composta por soldados americanos e canadenses. O Museu alega que o seu conceito era de um grupo capaz de lutar na terra, no mar e no ar, bem como em condições de inverno gelado. Planejava-se usar esses militares para atacar usinas hidroelétricas na Noruega ocupada, campos de petróleo na Romênia e até mesmo alvos na Rússia. Para preencher essa Força, foram recrutados homens com experiência em trabalhos como lenhadores de campos abertos, patrulheiros de florestas, caçadores e policiais ambientais. Eles participaram de diversas missões de alto risco, como pode ser visto no sítio eletrônico, tendo obtido sucesso em diversas ocasiões. Certa vez eles conseguiram penetrar as principais linhas nazistas de resistência, apesar de estarem com sua força diminuída em 40%, defendendo treze quilômetros da frente de batalha por noventa e nove dias contínuos, ocasião em que obtiveram o apelido mencionado, pelo seu estilo forte de combater com os rostos pintados de preto. No diário de um oficial alemão, estava escrito “os Demônios Negros (*Black Devils*, em inglês) estão todos aos nossos arredores em todas as vezes em que entramos na linha e nós nunca ouvimos eles.” (tradução minha). No sítio sobre os soldados canadenses, o *Canadian Soldiers*, explicita-se que os treinamentos dessas unidades eram árduos e que elas eram consideradas tropas de Comandos. Eles possuíam treinamento em esquis, saltos de paraquedas, operações anfíbias e eram peritos em combate corpo a corpo, tendo inclusive instruções para realizar demolições.

Outro ponto de origem das Forças Especiais modernos é o Escritório de Serviços Estratégicos, ou Office of Strategic Services (OSS), em inglês, de acordo com o sítio

eletrônico *National Guard*, da Guarda Nacional do Exército Norte Americano. Nele, afirma-se que a OSS foi criada durante a Segunda Guerra Mundial para adquirir informações de inteligência e conduzir operações por trás das linhas inimigas em suporte a grupos de resistência na Europa e em Burma, atual Mianmar. Após a guerra, a experiência obtida em campo de batalha foi usada para formar a doutrina de conflitos não-convencionais, a qual é uma das bases para as Forças Especiais de hoje. Desde aquele conflito, as equipes de operações especiais dos Estados Unidos vêm atuando em diversas guerras, desde o Vietnã até Panamá, Granada, Haiti e nos Balcãs, oferecendo apoio às tropas regulares. Na Operação Tempestade do Deserto, o General Normam Schwarzkopf as descreveu como “os olhos e os ouvidos” das tropas militares convencionais e a “cola que manteve unida a coalisão” (tradução minha).

Vistos esses aspectos, nota-se que todas as unidades especiais aqui apresentadas têm vários pontos em comum: trabalham em missões de alto risco, possuem treinamento árduo, intenso e de grande técnica e complexidade, agem com ordem, disciplina e organização e são compostas por pessoas criteriosamente selecionadas, possuidoras de elevada capacidade física e mental, as quais precisam de uma série de conhecimentos em diversas áreas. Até agora, isso não mudou. As forças militares e policiais, normalmente, ainda possuem os mesmos critérios para a composição de seus grupos especializados focados em atividades de grande periculosidade, como é o caso do Batalhão de Operações Especiais, o BOPE, presente em algumas Polícias Militares (PM) no Brasil e, em especial, na do Estado de Goiás (PMGO).

Em vídeo institucional da própria PMGO, sobre tais operações de natureza especial, afirma-se que em 1988 houve um incidente envolvendo reféns em Goiânia, sendo esse o fato gerador da necessidade de adoção de medidas para a resolução de eventos críticos. Nele, explicita-se que a Polícia Militar precisava de uma unidade de resposta especial para crises. Dessa maneira, ele informa que em 1989 é ativado o GAS – Grupo Antissequestro e que, a partir de seu efetivo e sua estrutura, foi criado o COE - Companhia de Operações Especiais.

De acordo com o documento *História e Organização da PMGO*, as Operações Especiais no Brasil surgiram baseadas em ações desenvolvidas pelo Exército Brasileiro na primeira metade do século XX. Foi observada, após um intenso estudo, a necessidade do desenvolvimento dessas forças dentro das Polícias Militares do País, verificando-se, então, que era indispensável a sua criação, pois as ações criminosas se

tornavam cada vez mais aprimoradas e complexas, exigindo-se métodos de combate especializados. No início da década de 1990, dentro do Batalhão de Choque, havia a 2ª Cia, ou Companhia de Operações Especiais, citado anteriormente e composta por um reduzido efetivo em função do caráter especial de suas atividades. Um efetivo dessa Cia decidiu viajar a Curitiba, no Paraná - um dos primeiros locais a executar ações dessa natureza no Brasil -, para observarem as atividades de Operações Especiais da Polícia Militar daquele estado, com o intuito de aprender e desenvolver essas ações no estado de Goiás, utilizando-se novas técnicas de combate à criminalidade. Iniciando-se sua doutrina em 2004, no ano de 2005 é inaugurado, dentro do COE goiano, o planejamento e condução do 1º Curso de Operações Especiais, profissionalizando-se esse segmento no estado, coordenado e elaborado pelos Oficiais que integravam o grupo anteriormente mencionado que viajou ao Paraná e que foram aprovados nos cursos especializados naquele local. Do Grupo de Ações Tática Especiais (GATE), foram destacados quinze policiais militares, os quais possuíam elevada experiência neste ramo operacional. Mesmo com as grandes dificuldades do curso, esses militares se os possuidores do 1º Curso de Operações Especiais realizado pela PMGO. Em 2013, o COE tornou-se independente do Choque, transformando-se em Companhia Independente de Operações Especiais.

No estado de Goiás, as atribuições das Operações Especiais são variadas, incluindo combate ao crime organizado, gerenciamento de Crises (com o uso de negociadores do Batalhão), explosivistas (onde há suspeita ou confirmação de uso de artefatos explosivos pelos criminosos) e ações do Grupo Tático (como situações envolvendo sequestro e roubos a instituições financeiras com reféns). Em dezembro de 2014 foi ativado o 35º BPM – Batalhão de Operações Policiais Especiais, possuindo três companhias em sua estrutura: 1ª – COE (Operações Especiais); 2ª CAP (Atiradores de Precisão); e 3ª CAB (Esquadrão Antibombas). O ingresso nessas unidades deve ser feito pelo Policial Militar que concluir com êxito o Curso de Operações Especiais (chamado de COEsp) na PMGO ou em instituição coirmã (sejam as Forças Armadas ou órgão Estadual), neste caso sendo necessário passar por um curso de nivelamento. De acordo com o sítio oficial do governo *Goiás Agora*, “com a criação da unidade especializada, Goiás se torna o 15º Estado do País a contar com um Batalhão de Operações Especiais (BOPE)”. Nele, afirma-se que essa força atua em todo território goiano. Em outra publicação, informam também que em 18 de abril de 2017 policiais militares desse grupo detonaram, na Praça do Bandeirante, uma suposta bomba recebida por um

empresário como encomenda desconhecida. É uma situação em que uma unidade convencional militar poderia não só pôr em risco sua própria segurança, como também do patrimônio e da população ao redor. Em *Os Elementos de Coordenação Informal em uma Unidade Policial de Operações Especiais* (2013, p. 109), afirma-se que o BOPE foi primordialmente originado na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, em 1978, contando atualmente com aproximadamente 400 policiais especializados no combate ao crime em setores de alto risco, além do resgate a reféns.

Percebe-se com a leitura deste texto, portanto, que não é tarefa fácil e nem tampouco desnecessária adentrar as fileiras das Operações Especiais nas Polícias Militares, especialmente na goiana, visto que os crimes se tornaram, também, especializados e envolvem situações de alto risco que necessitam de pessoas muito bem treinadas e selecionadas para as resolverem. Em vídeo de um curso realizado por atuais integrantes do BOPE, vê-se a dificuldade e intensidade do preparo desses policiais, para que possam combater as ameaças à lei e à ordem públicas do jeito mais satisfatório e completo o possível. Dessa maneira, esse Batalhão faz-se de extrema utilidade e importância no combate ao crime em geral, especialmente em ocasiões de alta periculosidade, tendo enorme valia dentro da Polícia Militar de Goiás.

Além desses tópicos que destacam a especialização, a necessidade e a seletiva exigência no processo de admissão desses efetivos militares, vale destacar que os indivíduos que neles adentram adquirem particularidades que possuem grande relevância no combate ao crime e à desordem social. Essas características diferenciais unem-se ao fato de que tais tropas possuem equipamentos e informações privilegiados, de maior qualidade que os recebidos pelas demais. No artigo *Os Elementos de Coordenação Informal em uma Unidade Policial de Operações Especiais*, afirma-se que, nesses grupos, “a lógica operacional consiste no emprego de equipes mais autônomas, com menor número de pessoas, que utilizam recursos especiais como informação, tecnologias e treinamentos específicos para alcançarem resultados superiores.” (2013, p. 108). Seguindo-se a leitura, nela é explanado que “dentre os principais elementos que caracterizam essas equipes, destaca-se, em especial, forte coesão interna, organização em pequenos grupos, devoção a uma causa comum e relevância do fator liderança.” (2013, p. 108). Quanto ao papel dos líderes nesses batalhões, o artigo explica, na mesma página, que a eficácia destes depende, em grande parte, do elevado respeito às suas ordens e da predisposição a segui-las, bem como do

compromisso que seus subordinados possuem com a missão e os objetivos de sua unidade. Vale destacar que nele é afirmado que Liderança é um fator de coordenação informal, que precisa de maiores análises para sua maior compreensão.

O estudo em questão determina alguns aspectos relevantes encontrados nessas unidades, competências exclusivas que as diferenciam das demais (2013, p. 109):

São elas: (a) velocidade de ação; (b) capacidade de coordenação ad hoc; (c) alta resolutividade; (d) forte competência para proteção mútua dos membros, com baixas taxas de acidentes e perdas em combate; (e) capacidade de atuar em cenários complexos e imprevisíveis, com ataques possíveis de qualquer direção. Seu trabalho se diferencia das demais unidades convencionais de polícia e de outras UOE: (a) pela frequência e intensidade dos combates; (b) pela presença constante de altíssimo risco; (c) pela necessidade da conjugação de técnica, disciplina de treinamentos, disciplina operacional e coragem; (d) pela visibilidade política. Chamam a atenção, na especificidade do trabalho dessa equipe, os riscos frequentes à vida dos seus membros, a pressão psicológica constante, o estresse físico e mental das operações e a necessidade de conjugar velocidade de ação em cenários imprevisíveis e de grande risco com coordenação para a ação em equipe e capacidade de ouvir, interpretar e obedecer aos comandos em curtíssimo espaço de tempo.

Dessa maneira, torna-se cada vez mais evidente que, apesar de as forças convencionais das Polícias Militares, especialmente na goiana, possuírem altíssima competência e capacidade técnica para lidar com diferentes e complexos crimes, ainda há especialidades nas tropas de elite que as destacam daquelas. Elas servem como suporte aos efetivos policiais convencionais, dando apoio tático e de rápida reação a eles e, muitas vezes, os substituindo em operações de alto risco, visto que eles não possuem o mesmo rigor na seleção e no treinamento ao qual as elites militares são submetidas. Estas, além de todos os importantes fatores aqui apresentados, ainda possuem um forte laço cultural entre seus membros, os quais seguem ritos, métodos e pensamentos que tornam mais resistentes seus ideais e seu sentimento de lealdade para com seus parceiros de trabalho, os quais confiam uns nos outros.

Esse vínculo de confiança está fundamentado em um forte sentimento de orgulho de pertencimento ao grupo, fazendo-os se sentirem apartados do que enxergam como negativo na própria polícia e da desordem institucional do Estado em geral. Isso pode ser observado naquele artigo, o qual explana que “a identidade dos membros da unidade está baseada no combate lado a lado com pessoas que muitas vezes arriscaram suas próprias vidas para salvar um colega.” (2013, p. 110). Afirma que, para os seus membros, a noção de missão está inter-relacionada ao combate ao crime organizado e à

evidente violência nas favelas, utilizando-se de recursos heroicos no combate ao mal. A unidade possui uma cultura quase que religiosa, fundamentada no fraternalismo entre seus componentes, valorizando-se a lealdade individual. De fato, essa lealdade é, em situações críticas, o único fator que garante que o policial ferido não seja deixado para trás no campo de batalha pelos seus parceiros. Isso é o componente principal do “espírito de corpo”, da ideia de que todos juntos formam apenas uma unidade de ação, o que constrói a crença de que a equipe é formada por indivíduos, mas que a missão seja concluída com eficácia, isso só é possível trabalhando-se como uma equipe. Essa premissa é evidenciada na prática, em situações de combate e perigo de morte, onde esses militares reconhecem a importância de contarem uns com os outros e se comprometerem a trabalhar em grupo, agindo como equipe (2013, p. 110).

No trabalho policial, a sinergia das equipes é essencial para uma maior efetividade e operacionalidade. Por meio dela, chega-se ao resultado desejado de maneira ordenada, eficaz e precisa, com menores chances de erros. Os objetivos são alcançados com riscos mais baixos. E quando todos os componentes da equipe possuem altíssimo treinamento especializado, as ações sinérgicas são potencializadas. Como lido aqui, adiciona-se a isso o fato de que esses profissionais possuem um condicionamento físico diferenciado, mais elevado do que o comum. Isso se deve ao seu treinamento árduo e constante, em um ritmo que se sobrepõe ao normal. No estudo *Estresse e Condicionamento Físico: a Influência na Performance dos Policiais do Grupo de Operações Especiais de Cacoal/RO*, da Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício, afirma-se que foi utilizado o teste de Cooper 12' para se avaliar o condicionamento físico dos policiais do Grupo de Operações Especiais – GOE (2011, p. 23). O artigo expõe que

a resistência física ou aptidão física, compreende-se na capacidade psicofísica do esportista resistir à fadiga. O teste mostrou que 08 dos representantes da amostra (88,9%) estão com o condicionamento físico classificado no nível superior e 11,1% representado por um integrante da amostra, foi classificado como excelente segundo protocolo de classificação da capacidade aeróbia de Cooper (1982). Os policiais apresentaram uma média de 2.906 metros percorridos no tempo de 12 minutos, com desvio padrão de 0,67 para a amostra. Em estudo realizado com a mesma população Tomasi e Macedo (2008), obtiveram média de  $2636,5 \pm 74,35$  metros, uma diferença 10,3% menor em relação a este estudo.

Em sua conclusão, é ainda afirmado que “em relação as variáveis pesquisadas, os policiais apresentaram condicionamento físico elevado, muito acima da média para

seu padrão de idade.” (2011, p. 25). Isso evidencia o ótimo preparo desses indivíduos para a atividade policial militar, fundamentando mais uma vez sua importância e necessidade dentro da Corporação, devendo eles ser valorizados de maneira adequada e justa para que se possa combater a criminalidade de alto risco com a excelência que eles garantem em suas ações. Afinal, não é fácil adentrar e pertencer a esses grupos de atividades especializadas e de grande perigo, nem tampouco enfrentar o tipo de crime que é combatido por eles. É uma atividade para poucos e escolhidos.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em vista do que foi discutido aqui, percebe-se a necessidade de um setor especializado de alto nível de treinamento e disciplina dentro da Polícia Militar, principalmente diante do aperfeiçoamento do crime. Os grupos criminosos ganharam maior poder de fogo e desenvolveram técnicas de organização mais eficientes, de modo a oferecerem maior risco à população.

A violência no Brasil tem atingido patamares elevadíssimos, com criminosos que perderam, em certo nível, o medo de alguns policiais. Com equipamentos modernos, alguns inclusive de guerra, eles atuam de maneira organizada, seja em sequestros, tráfico de drogas e armas, assaltos a bancos ou saqueamentos de mercadorias. Em alguns Estados, há um cenário de conflito armado semelhante a países em guerra. Para enfrentar esse tipo de infrator, somente um pessoal bem capacitado, tanto para arriscar em menor intensidade a própria vida, como as vidas dos cidadãos de bem, cumprindo com excelência a missão. Nesse sentido, atua com eficácia o BOPE do Estado de Goiás, preparado para o combate às infrações criminosas de grande vulto.

Vale ressaltar que, muitas vezes, o BOPE tem atuado de maneira a dar apoio às tropas convencionais e às especializadas, de forma a aumentar a chance de sucesso da operação e a segurança daquelas. Além disso, não há tantas ocorrências de grande escala no Estado de Goiás, diferentemente das convencionais, que acontecem em grande número. Dessa maneira, o BOPE, para não ficar aquartelado vários dias, muitas vezes

presta apoio ao policiamento do cotidiano ou em casos um pouco mais complexos, que em determinados casos exigem investida dentro de vegetações.

De uma forma ou de outra, o efetivo de Operações Especiais se mostra cada vez mais útil, colaborando firmemente com a operacionalidade do trabalho policial ostensivo. Não obstante, alguns de seus membros atuam na Academia da Polícia Militar como instrutores de tiro, de Uso Seletivo da Força, bem como de Pronta Reação, uma vez que possuem instrução diferenciada e aprofundada em sua formação, contribuindo valorosamente para a formação de novos militares.

Este material serve de embasamento para a afirmação de que não é fácil estar dentro desses Batalhões Especiais, externando-se a convicção sobre a importância que eles têm para o Estado de Goiás, devendo-se dar o devido valor a eles, tanto por parte da sociedade, quanto do governo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muitas vezes, pode-se indagar se o elevado treinamento das forças de operações especiais da Polícia Militar é necessário, em especial o das de Goiás. Frente ao crime moderno, ele é de altíssima importância. Os infratores, atualmente, estão bem amparados por técnicas mais eficientes, armas potentes e alta tecnologia, o que potencializa o perigo sofrido pela população. Alguns deles, inclusive, recebem treinamentos de ex-militares brasileiros e contam com esses indivíduos em suas equipes. Dessa maneira, a resposta aos delitos deve ser mais severa e efetiva, superando o nível tático e técnico deles. Essa necessidade de uma equipe como o BOPE foi analisada e justificada neste trabalho, com argumentos que vão desde as condições físicas dos seus componentes até a sua capacidade técnica e militar, em contraste ao que é feito e utilizado pelos infratores em suas atividades criminosas.

Estudamos a história dessas tropas, suas origens e alguns de seus méritos e de seus empregos em operações militares e policiais em diversas partes do mundo. Inegavelmente, pode-se chegar à conclusão de que foram importantes e se destacaram em todas as situações apresentadas aqui. Alguém pode perguntar se o uso do BOPE na

realidade policial, fora de um âmbito de guerra, não é excessivo, mas pelo o que foi visto neste artigo, sem dúvida não é. Quando se trata da segurança pública, de se manter a ordem e a lei, de se preservar as vidas de inocentes, não há espaço para certos riscos e estudos, para políticas moralistas de direitos humanos que, muitas vezes, beneficiam o infrator e depreciam a vítima, limitando desnecessariamente e excessivamente o trabalho policial.

Obviamente, as atividades do BOPE devem ser embasadas nas leis e nos princípios, atuando-se nos limites das normas. Devem respeitar os direitos dos cidadãos, mesmo os infratores, porém sem serem permissivas. Isso pode ser feito nas circunscrições dos Procedimento Operacional Padrão – POP – da Polícia Militar de Goiás. Assim, o BOPE da PMGO pode atuar de modo a não negligenciar os anseios da população, porém dentro da legalidade. No entanto, o Brasil ainda necessita de uma legislação que proteja melhor os direitos dos policiais militares e que não os reprima de maneira equivocada em sua atuação na defesa da população brasileira. As leis no País intimidam o policial de maneira exagerada e oprimem uma atuação mais eficaz e incisiva no combate ao crime. Isso deve ser mudado.

## REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA DIGITAL DE SEGURANÇA PÚBLICA. **História e Organização da PMGO.** Disponível em: <<https://acervodigital.ssp.go.gov.br/pmgo/handle/123456789/402>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

SAWYER, Ralph D. **The Seven Military Classics of Ancient China.** Estados Unidos. Colorado: Westview Press Inc., 1993.

NATIONAL GUARD. **History of Special Forces.** Disponível em: <<https://www.nationalguard.com/special-forces-history>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

THE HISTORY PRESS. **Hitler's Commando Order.** Disponível em: <<https://www.thehistorypress.co.uk/articles/hitler-s-commando-order/>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

CANADIAN SOLDIERS. **First Special Service Force**. Disponível em: <<https://www.canadiansoldiers.com/organization/specialforces/1ssf.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

GOIÁS AGORA. **Bope detona suposta bomba na Praça do Bandeirante em Goiânia**. Disponível em: <<http://www.goiasagora.go.gov.br/bope-detona-suposta-bomba-na-praca-do-bandeirante-em-goiania/>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

GOIÁS AGORA. **Polícia Militar implanta Bope e aumenta efetivo da Rotam**. Disponível em: <<http://www.goiasagora.go.gov.br/policia-militar-implanta-bope-e-aumenta-efetivo-da-rotam/>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

MEIA HORA. **Ex-militares dão aulas táticas para traficantes**. Disponível em: <<https://meiahora.ig.com.br/geral/2018/03/5519552-ex-militares-dao-aulas-taticas-para-trafficantes.html>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

ZANINI, M. T., MIGUELES, C. P., COLMERAUER, M, MANSUR, J. **Os Elementos de Coordenação Informal em uma Unidade Policial de Operações Especiais**. In: *ANPAD*. RAC, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, art. 6, pp. 106-125. Jan/Fev. 2013.

SOUZA, Maurício Gomes de, MOMESSO, Cesar Miguel, ROMANHOLO, Rafael Ayres. **Estresse e Condicionamento Físico: a Influência na Performance dos Policiais do Grupo de Operações Especiais de Cacoal/RO**. In: *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*. São Paulo. Vol. 5. Num. 25. pp. 21-26. Jan/Fev. 2011.

PMGO. Vídeo Institucional sobre Origem das Operações Especiais na PMGO.

PMBA. BOPE. Vídeo Institucional sobre o COPES PMBA de 2013.